ISSN 1984-5634

DOSSIÊ

"Do Capão aos lados da praia?": a Comunidade Quilombola Peixoto dos Botinhas e o Litoral Negro, RS

"From Capão to the beach?": the Peixoto dos Botinhas Quilombola Community and the Litoral Negro, RS

Matheus Pinto Furtado[1]

Resumo

Este artigo objetiva estabelecer uma discussão sobre vivências da Comunidade Quilombola Peixoto dos Botinhas, localizada em Capão da Porteira, no município de Viamão (Rio Grande do Sul). Mais especificamente, questões ligadas à sua narrativa de origem, aos Botinhas (grupo musical que representa ancestralidade e compõe parte do nome da comunidade, hoje) e outras relações importantes (parentesco; reciprocidade), com intuito principal de estabelecer algumas aproximações iniciais entre o Peixoto dos Botinhas e o *Litoral Negro* do estado. A pesquisa foi constituída a partir de uma revisão bibliográfica que permitiu ter como resultado a compreensão das relações que evidenciam o Peixoto dos Botinhas em proximidade com uma rede de comunidades negras do Litoral Negro.

Palavras-chave: cinema; ancestralidade; racismo.

Abstract

This paper aims to establish a discussion about the experiences of the Peixoto dos Botinhas Quilombola Community (marron community), located in Capão da Porteira, in the city of Viamão (Rio Grande do Sul state). More specifically, issues linked to its origin narrative, the Botinhas (a musical group that represents ancestry and makes up part of the of the name of the community today) and other important relationships (kinship; reciprocity), with the main intention of establishing some initial connections between Peixoto dos Botinhas and the Litoral Negro (Black Coast) of Rio Grande do Sul. The research was based on a bibliographical review that resulted in understanding the relationships that Peixoto dos Botinhas shows in proximity to a network of black communities on the Litoral Negro.

Keywords: cinema; ancestry; racism.

Editora-chefe:
Elisa Schneider Venzon

Editor-gerente:
Leandro Ferreira Souza

Submetido: 28/07/2023

Aceito: 13/11/2023

Como citar:
FURTADO, M. P. "Do Capão aos lados da praia?": a Comunidade Quilombola Peixoto dos Botinhas e o Litoral Negro, RS. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 313-327, dez.-mar., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

[1] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UPF - Universidade de Passo Fundo, sob orientação do Dr. Gerson Trombetta. Bolsista beneficiário de auxílio financeiro da CAPES – Brasil (PORTARIA Nº 155, DE 10 DE AGOSTO DE 2022). Membro do grupo de pesquisa Relações de Fronteira: História, Política e Cultura na tríplice aliança Brasil, Argentina e Uruguai e do Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC). Pesquisa temas como História e Quilombos, História e Cultura, Memória, Oralidade e Patrimônio Cultural Imaterial. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4426-0977. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7208654879652137. E-mail: matheusftd@gmail.com

A comunidade quilombola Peixoto dos Botinhas localiza-se em Capão da Porteira, último distrito a leste de Viamão, região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Com uma trajetória que remonta ao século XIX, traz consigo um cabedal de memórias ainda hoje transmitido de maneira oral, evidenciando a intenção de continuidade de tal repertório e da própria relevância da oralidade no quilombo. Das suas relações próximas com outras comunidades, destaca-se a com o quilombo Gomes e Silva, mais conhecido como Cantão das Lombas[2], na localidade de Lombas (município de Santo Antônio da Patrulha), vizinha do distrito de Capão da Porteira (município de Viamão). Para além disso, a partir dos próprios indicativos orais, parece haver relações próximas entre o Peixoto dos Botinhas e o que podemos chamar de um Litoral Negro, termo cunhado por Daiane Molet (2018) e que se refere, grosso modo, a uma faixa de terras tecida por diferentes relações, como de parentesco, redes de fé, reciprocidade, ancestralidade, por exemplo, e de memórias de famílias negras no litoral norte do Rio Grande do Sul desde o XIX e ainda presentes nas narrativas dos quilombolas da região.

Dito isto, o trabalho objetiva, mesmo que introdutoriamente, discutir algumas das vivências da Comunidade Quilombola Peixoto dos Botinhas, ligadas à narrativa de origem, ao Quicumbi e ao conjunto musical *Os Botinhas* na tentativa de estabelecer potenciais relações com o supracitado Litoral Negro. No que tange aos referenciais, trabalharemos, em especial, a partir de Luciana Silveira (2010), também dialogando em diferentes momentos com Daiane Molet (2018), na tentativa de abarcar obras que tenham o Peixoto dos Botinhas como enfoque da pesquisa ou como tópico de discussão em um contexto mais abrangente. A pesquisa se justifica não somente pela tentativa de compreensão de aspectos relacionados à coletividade, mas também por ser um esforço inicial de identificação da relação desta em um contexto maior, o de uma rede de entrecruzamentos significativa no que tange à população negra nesta região do estado.

ALGUNS INDICATIVOS INICIAIS: BOTINHAS, NARRATIVA DE FUNDAÇÃO E LITORAL NEGRO

Desde as motivações da escolha do próprio nome da comunidade, ou seja, *Peixoto dos Botinhas*, esta traz consigo o canto e o festejo como parte da própria identidade. Maria Lúcia Montes (1996, p. 56) entende por identidade o processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social na sua relação com os outros grupos. Estabelece-se a identidade na diferença em relação ao outro. É impossível, neste caso, pensá-la como coisa ou permanência estática, seja nos indivíduos ou nas sociedades e culturas. Uma vez que as sociedades e a vida social são dinâmicas, a identidade também não é fixa, mas resulta de um processo e de uma

[2] Sobre aspectos históricos e as relações específicas entre as comunidades quilombolas Peixoto dos Botinhas e Cantão das Lombas, ver: Silveira (2010).

construção, e o entendimento disto não pode se dar sem considerar o contexto de toda esta dinâmica. Mais especificamente, na consideração de uma identidade étnica, esta está relacionada, segundo Hezrom Lima (2016, p. 501), ao acúmulo e manutenção de heranças culturais, permitindo observar diferenças entre grupo detentor e outros com ele relacionados, mesmo que próximos espacialmente. Trata-se, de acordo com o autor, de uma relação ambivalente entre "eu *versus* eles", pois não é somente a percepção que o indivíduo faz de si que o diferencia dos demais, mas também o processo de afirmação e legitimação de determinados aspectos e referências de sua identidade que o torna diferente daquele ou daqueles que está(ão) inserido(s) em outros grupos.

Com um processo de reconhecimento enquanto comunidade remanescente de quilombo junto à Fundação Cultural Palmares – iniciado em 2006 e com a emissão do registro em 2010 –, as lideranças, à época, escolheram uma denominação dupla, de forma a representar a ancestralidade da coletividade. A família Peixoto se relaciona a uma das quatro irmãs – Pelônia, especificamente – , citadas frequentemente na narrativa de fundação da comunidade, remontando ao século XIX. Já os Botinhas, integrantes da família Cardoso, estão relacionados ao ramo familiar dos integrantes do conjunto musical *Os Botinhas*, músicos reconhecidos em Viamão e no litoral norte do Rio Grande do Sul, tendo tocado principalmente em diversos bailes e performado Ternos de Reis ao longo do século passado, de acordo com relatos no Peixoto dos Botinhas (Furtado, 2022).

Quando se fala em música no Peixoto dos Botinhas, o conjunto Os Botinhas é tópico certo na conversa, com um olho no agora e outro voltado ao anteontem. Os Botinhas foi um grupo musical do século XX do Capão da Porteira, ligado diretamente ao quilombo Peixoto dos Botinhas. Composto por parentes, o grupo se apresentava em localidades como Viamão, Palmares do Sul, Osório, Capivari do Sul e Bacopari. De acordo com a integrante do quilombo Dona Geni, a formação contava com os seguintes músicos: seu marido, Osvaldino, o segundo dos irmãos e responsável pelo banjo; seu irmão gêmeo, Vivaldino, conhecido como Vivi, que era o pandeirista; o mais jovem dos irmãos, que chamava-se Orvalino, ou Nico, e era baterista; e, enfim, o "Botinha", de nome Valdivino, que tocava a gaita [neste caso, acordeão] (FURTADO, 2022).

Luciana Silveira, já em 2010, escrevia: "o Beco dos Botinhas, onde está localizado o quilombo, é muito conhecido no município de Viamão, por suas festas" (SILVEIRA, 2010, p. 33). Isto se dá e deu muito em função dos jantares e bailes organizados pelas lideranças, de forma a manter o funcionamento da sede e propiciar momentos de socialização, e também pela importância do conjunto musical historicamente. A fama do grupo se torna compreensível quando sabemos que eram requisitados na animação de festas tanto no centro de Viamão como em casas de granjeiros da região, estancieiros ou mesmo donos de alambiques, segundo Silveira (2010). Mesmo assim, há de se ressaltar um ponto bastante interessante e igualmente fundamental: não eram somente estes lugares os frequentados pelos Botinhas, pois estes se faziam presentes "*em outras comunidades*

negras de Palmares do Sul, Capivari e Mostardas" (SILVEIRA, 2010, p. 33, grifo meu). Ora, esta colocação isolada pode não dizer muito ao leitor à esta altura, mas pode inquietá-lo após uma breve caminhada textual *pros lados da praia*.

Claudia Daiane Molet, em tese de 2018, trabalha a noção de *Litoral Negro* como a estreita faixa de terras que atravessa o litoral norte do Rio Grande do Sul, entre a laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, tecida por relações de parentescos, de solidariedade, de redes de fé, de reciprocidade, de ancestralidade e de memórias de famílias negras assentadas desde o século XIX.

Sobre a noção de reciprocidade, Silveira (2010, p. 25) a compreende a partir de uma dupla via: a direta e a indireta. No primeiro caso, trata-se de prestações materiais ou simbólicas – sejam presentes, a prestação de serviços, a ajuda mútua, o consolo ou mesmo o ato de ensinar – devolvidas entre dois indivíduos/grupos. No segundo, entende-se o processo de quando os bens simbólicos recebidos não são devolvidos a quem os deu diretamente, mas a um outro grupo que, por sua vez, terá de devolvê-los a outro grupo, no sentido de uma circulação dos bens entre as gerações. Em suma, a reciprocidade é um processo da relação social, em comunidades abertas ou fechadas, e provém das relações de parentesco, de amizade e mesmo de compadrio. Pode ser entendida, neste sentido, como uma espécie de troca afetiva entre os membros envolvidos.

Retomando a Molet (2018) sobre o *Litoral Negro*, trata-se de tramas oriundas do cativeiro, que atravessaram os séculos e que ainda hoje, em parte, estão na memória dos remanescentes quilombolas. Os laços são tão intensos que, muitas vezes, é necessário parar, ler e reler para compreender as tramas dos parentescos dos camponeses e das camponesas litorâneas, segundo a autora. É neste bojo que Molet (2018) propõe a ideia de um *Litoral Negro*, construído a partir de redes originadas nas senzalas, estendendo-se até o pós-Abolição e ainda hoje ressoando na fé, nos costumes, na ancestralidade e na força da mulher quilombola, por exemplo. A autora demonstra a presença consistente de um Litoral Negro considerado tanto como um recorte espacial (circunscrição de comunidades específicas em um determinado espaço geográfico) quanto como uma noção (em sentido epistemológico), abarcando as diversas interligações qualificadas pelos laços de amizades, parentescos, compadrios e compartilhamento de práticas culturais (MOLET, 2018). A amostragem selecionada pela autora para as fontes orais que compõem parte da sua pesquisa é constituída por quatro comunidades quilombolas: Casca, Teixeiras, ambas em Mostardas; Limoeiro, distrito de Bacopari, em Palmares do Sul; e Capororocas, em Tavares.

Figura 1. Localização das comunidades quilombolas de Litoral Negro .
Fonte: MOLET, 2018.

Segundo Orlandi (2001, p. 12), os enunciados, como os dos discursos fundadores, são aqueles que vão nos inventando um passado e empurrando um futuro pela frente, nos dando a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido. São espécies de enunciados que ecoam e reverberam efeitos de nossa história em nosso dia-a-dia, em nossa reconstrução cotidiana de nossos laços sociais e na nossa própria identidade histórica. No entanto, segundo a autora, não são enunciados empíricos, pois são suas imagens enunciativas que funcionam.

Fazemos, neste sentido, duas considerações: 1) não parece ser deveras acertado considerar que todos os enunciados ou que os enunciados de discursos fundadores nunca são empíricos ou nunca possuem elementos empíricos, pois isto anularia, de antemão, qualquer experiência coletiva potencial (ou memória desta) sobre a qual a própria narrativa se fundou; 2) pensamos ser mais proveitoso considerar que, no caso de enunciado sobre o qual tratamos aqui (narrativa fundadora do Peixoto dos Botinhas), este reverbera a partir de imagens. É a imagem – no sentido de representação, dotada de uma poética que pode abarcar tanto elementos abstratos quanto empíricos –, criada a partir deste enunciado que irá conferir legitimidade e permanecer viva na oralidade, por exemplo, de forma mais ou menos palpável na memória coletiva da comunidade.

O que vale, segundo Orlandi, neste contexto, seria a versão que "ficou" – e nisso concordamos. Se trata da memória temporalizada, que se apresenta como legítima. Entretanto, numa passagem do sem-sentido para o sentido, não estamos pensando a história dos fatos, e sim o processo simbólico, no qual, em grande medida, nem sempre é a razão que conta: inconsciente e ideologia aí significam. Não é a cultura ou história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e com os sentidos. É a memória histórica que não se faz pelo recurso à reflexão e

às intenções, mas pela "filiação". Aquela na qual, ao significar, nos significamos. Assim, nessa perspectiva, são outros os sentidos do histórico, do cultural, do social. Mas que assim mesmo nos constroem um imaginário social que nos permite fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada. Eis uma das características do discurso fundador: a sua relação particular com a "filiação". Cria tradição de sentidos projetando-se para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga, no entanto, na memória permanente, sem limite. Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim (ORLANDI, 2001, p. 13-14).

Indo de encontro ao discurso fundador da Comunidades Quilombola Peixoto dos Botinhas, foi possível observar um fragmento deveras importante, presente em Silveira (2010) e feito por duas mulheres e dois homens, aparentemente entrevistados num mesmo momento. Tratam-se de Seu Afonso, Tia Pequena, Edegi e Décio. O autor deste texto teve a oportunidade de ouvir apenas uma destas pessoas até hoje, Edegi Gomes, a partir de entrevistas em História Oral, nos anos de 2018 e 2021[3]. O relato segue muito semelhante ao dado por Antônio, conhecido como Nico, em entrevista em 2018, embora mais extenso – até pelo número de contadores.

Tal narrativa, em termos gerais, remonta ao século XIX, de acordo com os relatos dos quilombolas. À altura da Lagoa dos Patos, próximo relativamente à Lagoa do Casamento, na região entre Capão da Porteira, Capivari do Sul e Palmares do Sul, um grupo negro, em condição cativa à época, estava sendo transportado pela lagoa. Houve, então, uma revolta do grupo contra seus opressores, resultando, logo após, em uma fuga em direção às regiões de Palmares do Sul e Capão da Porteira, com a divisão deste grande grupo em pelo menos dois grupos menores. Um deles avistou a região de Lombas – dotada de uma quantidade exorbitante de morros ou "lombas", terreno alto –, divisa com o Capão, e instalou-se no que, hoje, conhece-se por Três Passos, local intermediário entre as duas localidades, espécie de fronteira entre ambas. Acima do nível do terreno abaixo e de difícil acesso, foi lá que o quilombo-primeiro foi estabelecido, segundo a narrativa fundadora, e onde viveram as quatro irmãs que, recorrentemente, estão presentes na narrativa de fundação: Fortunata, Pelônia, Antônia e Maria da Conceição. As duas primeiras, inclusive, são vistas como matriarcas fundadoras das famílias que, hoje, dão nome ao quilombo: Peixoto [Pelônia] e Botinhas, ou família Cardoso [Fortunata]. Posteriormente, foi havendo uma espécie de êxodo destes indivíduos para outros locais da região, de forma a buscar diferentes meios de subsistência para

[3] A entrevista com Edegi Gomes se constitui em colaboração para pesquisa em história oral, em 2018, publicada a nível de monografia (Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, 2018). Isto ocorre, também, no caso das entrevistas de Nico e de dona Geni para o artigo. Ver: FURTADO, Matheus. **"Abayomi, música e Quicumbi":** uma história da Comunidade Quilombola Peixoto Dos Botinhas. Graduação em Ciências Humanas – Licenciatura (Monografia). Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/49096927/Monografia_Matheus_Furtado. Acesso em: 20 out. 2023.

além da agricultura familiar. Nico e Edegi, sobre a revolta e o estabelecimento do quilombo-primeiro, relatavam:

> Nico: Na região de Três Passos, chegou um grupo de negros fugitivos. Eles estavam sendo trazidos da África para serem vendidos para os senhores de engenho e os estancieiros. [...] na vinda deles, o barco ancorou na Lagoa dos Patos. Eles vinham pelo mar e passavam a uma embarcação menor para entrar na Lagoa. [...] no desembarque para trocar de embarcação, houve uma luta, luta sangrenta. [...] de lá de baixo, eles avistaram esse lugar alto e seguiram nessa direção. Depois de uma caminhada muito longa, chegaram nas Lombas. [...] Eles chegaram em Três Passos, mas foram mais pra cima. Foram em direção às Lombas. Foi ali no início das Lombas.
> Edegi: Numa certa altura, no mar com a lagoa, eu imagino que seja Rio Grande, passaram os negros pra um barco menor. Uma quantidade de negros que era encomendada pelo pessoal de Porto Alegre, Viamão. Tinha barcos menores que levavam os negros. Quando chegou na costa da lagoa, ali tava, eu acho, capitães do mato, fazendeiros, pra receber os negros. No desembarcar, os negros de rebelaram. Ali, muitos morreram, pois foi uma luta maluca. Eles tavam desarmados, muitos amarrados. Naquela confusão, os negros se jogavam na palha do banhado. Por que naquela época era palhão até aqui perto. Muitos fugiram, muitos morreram, muitos ficaram feridos. Andaram, andaram, andaram nessa direção. Os negros enxergaram as Lombas, ali eles teriam a visão completa de quem viria atrás deles. Ali, eles formaram uma comunidade. O que aconteceu... a maior parte era mulheres, enquanto os negros lutaram, elas se mandaram. Alguns negros também vieram. Ali foi o quilombo, o coração do quilombo. (FURTADO, 2018, p. 32-35)

Vide a própria organização da memória do grupo, não é uma surpresa narrativas mais ou menos conformes, ainda mais de tal importância coletiva. Tanto a narrativa fundadora quanto a citação das quatro irmãs da gênese do quilombo enquanto ancestralidade comum são fundamentais para o próprio senso identitário da comunidade. Ao tratar da ancestralidade, aproximamo-nos das tradições culturais de matriz africana, desde os terreiros de candomblé à capoeira. Neste âmbito, a ancestralidade está ligada aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes. Há uma relação do "velho" com o "novo", do passado com o presente, do visível com o invisível e do imanente com o presente. O ancestral acaba sendo uma figura importante neste contexto, pois existe uma espécie de reconhecimento de seu trabalho, realizado no passado. O morto acaba representando um símbolo de conhecimento, servindo como forma de revigorar o passado no hoje (CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 149-150). A princípio, na narração de Nico, havia a compreensão de que o grupo sobrevivente da revolta havia escapado e dado origem ao *quilombo-primeiro*, em ancestralidade ao que viria ser o quilombo Peixoto dos Botinhas, hoje. Entretanto, não havia somente um grupo unificado, segundo o relato presente na pesquisa de Luciana Silveira. Eis, afinal, o particular fragmento:

> Muitos deles morreram e na confusão alguns conseguiram fugir, *formaram pequenos grupos*, *dividiram-se* e se embrenharam num banhado *pros lados de Palmares do Sul.* [...] Um desses grupos *veio em direção as Lombas*, isso porque enquanto eles caminhavam e procuravam um lugar para se esconder eles avistavam de longe o morro das lombas. E depois de dias e dias de caminhadas chegaram a Três Passos. Era o lugar ideal porque no alto das lombas eles podiam ver a mata e o banhado é fácil pra avistar alguém de longe. (SILVEIRA, 2010, p. 32, grifo meu)

Aqui se faz fundamental tocar na questão das fontes, agregando relatos orais presentes em outras pesquisas às nossas próprias. Se não tivéssemos um contato inicial com o trabalho de Silveira, perderíamos a riqueza de certos detalhes que se foram com aqueles não estão mais presentes, por exemplo. A complementaridade de fontes não é só procedimental, mas reveladora de possibilidades, de entrecruzamentos, de problemas. Instigadora de perguntas, neste caso. Diferentes membros de uma mesma comunidade tem todo um cabedal de memória distinto, contraditório ou, como é o caso, complementar, agregador. Nesta seara, os mapas a seguir auxiliam enquanto representação do que foi narrado pelos quilombolas do Peixoto dos Botinhas, no que tange à revolta presente na narrativa fundadora. O Mapa 2 foi construído no sentido de evidenciar um trajeto aproximado pós-revolta.

Figura 2. Dimensões aproximadas do trajeto relatado na narrativa de origem do Peixoto dos Botinhas. **Fonte:** FURTADO, 2022.

Neste contexto, há indicativos interessantes a partir daquilo grifado na citação supracitada. Sendo assim, façamos algumas considerações. O primeiro ponto a se observar é: "*formaram pequenos grupos, dividiram-se*". Esta colocação expande nossa compreensão sobre o próprio evento de fundação do Peixoto dos Botinhas, no qual não havia, segundo o relato, um grupo apenas, mas, pelo menos, dois. E mais: ao dividirem-se, para onde foram? De acordo com o que é relatado, não todos para o mesmo lugar, em direção às Lombas [quilombo-primeiro em Três Passos], pois "se embrenharam num banhado *pros lados de Palmares do Sul*". Aí está algo deveras importante. Pensemos: se um dos grupos foi em direção às Lombas (aqui entendido como o grupo ancestral do

Peixoto dos Botinhas), então, o(s) outro(s) foi/foram em direção ao que se entende hoje, a partir de Molet (2018), como *Litoral Negro*. Numa tentativa de construir uma representação visual a partir dos relatos, o Mapa 3 tem por enfoque a localização aproximada do quilombo-primeiro.

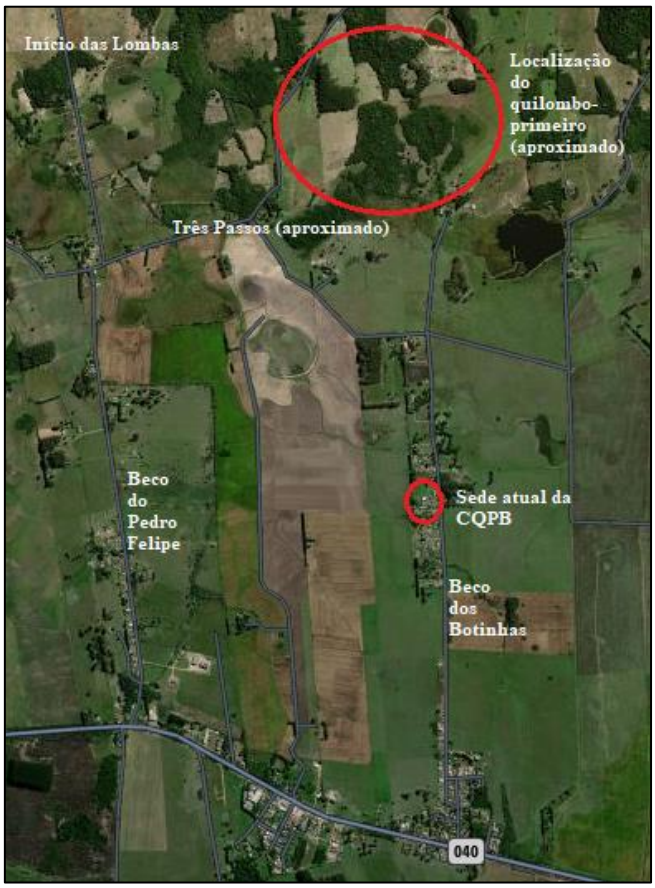

Figura 3. Localização aproximada da sede atual e do quilombo-primeiro. **Fonte:** FURTADO, 2022.

A partir do relato destacado em Silveira, podemos levantar novas perguntas: teria esta narrativa de fundação relação com o surgimento de algum quilombo no próprio Litoral Negro? Haveria memória de algum quilombo da região estabelecendo algum paralelo possível com o narrado pelos quilombolas do Peixoto dos Botinhas? Quais as aproximações possíveis? Há alguma? Não temos repostas conclusivas para estas perguntas – ou qualquer resposta sequer –, mas seguiremos na tentativa de construir algumas aproximações. Agora, aproximando a discussão dos músicos Botinhas, da dança-ensaio do Quicumbi e do próprio Litoral Negro.

ALGUNS OUTROS INDICATIVOS: DOS BOTINHAS, QUICUMBI E DO LITORAL NEGRO

Luciana Silveira, em junho de 2009, realizou uma visita à casa da viúva de um dos músicos do conjunto Os Botinhas, em Capão da Porteira. De primeira, a autora comenta a tristeza da Tia Jota pela saudade que sentia do Bota, seu marido e principal instrumentista e cantor do grupo. Tanto Tia Jota como o falecido marido tinham como ancestral comum Pelônia, uma das mulheres

destacadas na narrativa de origem do Peixoto dos Botinhas e uma das moradoras do *quilombo-primeiro* estabelecido em Três Passos. No decorrer da visita, lembra Silveira, a sala da casa de Tia Jota se mostrava repleta de lembranças de "décadas de fama do conjunto musical, fotos dos Ternos de Reis, das apresentações de Quicumbi, das coreografias com facas e dos trajes muito bem alinhados e sinos na barra das calças" (SILVEIRA, 2010, p. 41).

A título explicativo, o Terno de Reis é um festejo de origem portuguesa ligado às comemorações do culto católico do Natal. É constituído por um coro musical e pela representação viva da passagem dos Reis Magos na manjedoura, também encenada por moradores. Ao longo da encenação, que inicia após a canção de chegada e onde o mestre pede permissão para entrar, os músicos seguem narrando a passagem bíblica; o encerramento acontece com a canção da despedida, onde o Terno agradece a acolhida e a casa oferece a janta. Músicos locais animam a festa, compondo o coro junto a músicos "de fora", convidados a compartilhar essa celebração (DE CARLI et al., 2008, p. 15). Nos Ternos há, de um lado, toda uma tradição da poesia popular, da versificação feita de fórmulas mnemônicas, de ritmos e versos próprios, advindos do improviso; de outro, há a expressão performática, o canto e a voz, o corpo e o gesto, os cantores e seu público. Assim, de maneira performática, os músicos e cantores podem também sair pela noite, batendo nas portas das casas de amigos e compadres, em busca de acolhimento para cantar. Em geral, tal celebração costuma ser organizada e apresentada em comunidades onde o sentimento de vizinhança e compadrio ainda é muito forte, e os versos são relacionados a questões religiosas e poeticamente elaborados, enunciando do advento de Jesus Cristo até a chegada dos Três Reis Magos (ALBUQUERQUE, 2014, p. 5-6.).

Segundo Luciana Silveira (2010, p. 42), os acontecimentos relacionados à realização do Terno de Reis nas comunidades quilombolas têm sido destacados não só como algo festivo, mas como um evento que marca a saudade dos momentos de lazer e descontração, reforçando a importância desses espaços de sociabilidade. Sobre o Terno de Reis no Peixoto dos Botinhas, o conjunto musical Os Botinhas, constituído por aproximadamente 15 pessoas, comandava as celebrações, cantando e tocando instrumentos com melodias católicas. Ao final de cada cantoria pelas casas, era oferecido ao conjunto café, bolo, cucas, sopas, linguiças e outros diversos regalos.

Figura 4. Os Botinhas, na realização de um Terno de Reis, em meados do século XX. **Fonte:** Acervo do Quilombo Peixoto dos Botinhas.

A partir do que coloca Luciana Silveira (2010), o Terno de Reis passava pelas casas da comunidade quilombola, iniciando no Salão Princesa Isabel. Isto leva-nos a considerar que este tipo de celebração era possivelmente racial e etnicamente delimitada. Ou seja, era feita pela e para a coletividade negra do Beco dos Botinhas, culminando numa festa no salão criado por estas mesmas pessoas de forma a estabelecer um espaço de resistência à segregação racial no Capão da Porteira, em fins da década de 1960 – tema deveras relevante e ainda pouquíssimo explorado, em termos de pesquisa, caracterizando outro fio que este artigo tenta, ao menos, suscitar.

Retomando o Quicumbi, dona Suely, em 2018, dizia que era uma dança, dando uma descrição das apresentações: "Batiam aquele tambor e dançavam. Todos dançando e pulando. Botavam as fitas no cabelo e amarravam pra trás, e botavam um espelho naquelas coisas que eles tinham na cabeça" (FURTADO, 2018, p. 39). Mesmo assim, dona Geni e dona Suely indicavam, ao menos até um dado momento da trajetória do grupo musical, que os Botinhas não tomavam a frente na realização do Quicumbi:

> Suely: Quicumbi eles faziam. Mas não eram eles mesmo, eram outros que faziam. Eles eram novos, não tavam dançando quicumbi. Tinha o Seu Pedrinho, que fazia que chorava no quicumbi, acompanhando os outros.
>
> Geni: Não. Tinha os outros mais velhos. Mas eles se vestiam igual, com umas fitas azul com rosa, uns cocar na cabeça. Mas era muito bonito o quicumbi. Umas coisas antigas, era antigo. Eles tinham que apresentar isso aí com facão, lutavam. Fizeram aqueles facão de madeira. (FURTADO, 2018, p. 39)

A fim de contextualização, o Quicumbi, ou Ensaio de promessa de Quicumbi, ou até mesmo Cacumbi, "é uma manifestação religiosa afro-brasileira católica que consiste em pagamentos de promessas pelos devotos de Nossa Senhora do Rosário" (MOLET, 2018, p. 27). Os membros envolvidos diretamente na celebração são, muitas vezes, ligados por laços de parentescos, unem-se com outros irmãos – vide Os Botinhas – e, juntos, "realizam o ritual religioso que remonta ao período da escravidão e/ou para prestigiar a festa anual de Nossa Senhora do Rosário" (MOLET, 2018, p. 176).

Para a realização do Quicumbi há alguns pressupostos. Primeiro, é preciso haver um promesseiro, devoto de Nossa Senhora do Rosário. Este faz um pedido à santa e, caso seja atendido, realiza-se a promessa - o Ensaio. Nele, "a Irmandade dança, canta e toca para Nossa Senhora do Rosário, do pôr do sol ao amanhecer, para agradecer a graça alcançada" (MOLET, 2018, p. 183-184). No Litoral Negro, segundo Molet (2018), o Quicumbi era realizado pelos membros da Irmandade do Rosário, oriundos de Teixeiras e também do município vizinho de Tavares, onde estão presentes as comunidades quilombolas de Capororocas e de Olhos d'água. Em uma entrevista citada por Molet (2018), com relatos de Tereza Lopes de Oliveira e Manoel Boeira Oliveira, do Limoeiro, no fim da década de 1980[4], há uma descrição do Ensaio:

> É o Ensaio. Nós fizemos uma vez aqui em casa, para pagar uma promessa que o falecido pai do Maneca tinha feito.
> Foi em 74, não, em 75.
> Neste ensaio dançam só homens e cantam cantos de reza. Eles têm um canto. Um mestre comanda a turma com instrumentos: pente, um reco-reco, taquareira, um tamborzinho. Eles passam a noite naquelas orações do Divino Espírito Santo.
> Eles não dançam uns com os outros. Eles dançam sozinhos. É só gente morena. Este ensaio vem do povo negro, mesmo, do povo africano.
> De onde gerou, nós não sabemos. De primeiro, usavam muito por aqui, isto de promessas. Faziam promessa e davam uma festa, comida, bebida, tudo por conta do dono do Ensaio, aquele que fazia a promessa.
> As mulheres só olhavam e faziam as comidas.
> Vinha muita gente olhar, os convidados. Só dançava aquele grupo, esta dança é reza, não é divertimento.
> Eles vinham cantando, dançando, tocando. Por aqui, ninguém mais sabe nada disso. Nós falamos com o pessoal lá de Casca, para vir aqui em casa.
> Veio muita gente, um Ensaio sempre junta muita gente. Depois da reza, vem o baile, pena que a gente não seguiu com o costume.
> O Ensaio vem do povo escravo africano (MOLET, 2018, p. 183).

Assim como no Terno de Reis no Beco dos Botinhas, após o Quicumbi no Limoeiro também havia uma festa. Religiosidade e festividade de mãos dadas. Molet ainda ressalta a questão do contato do Limoeiro com Casca, "cujos dançantes teriam ido no Limoeiro". Segundo a autora, temos uma rede de fé alinhavada pelo Ensaio; vimos que os dançantes do Limoeiro de Palmares do Sul iam até Osório e vice-versa, e os de Casca em Mostardas iam até Limoeiro (MOLET, 2018, p. 183).

[4] A entrevista a qual Daiane Molet faz referência pode ser encontrada em: Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Cândido Osório da Rosa. **Histórias do Limoeiro**. Palmares do Sul, dezembro de 1988, p. 19-20.

Retomando o tópico dos Botinhas e retornando à sala de Tia Jota, essa havia se convertido numa espécie de cômodo de memória, cheio de fotos nas paredes não somente do marido, mas do próprio conjunto musical e de tempos de saudade, de música e dança. E é no âmbito dançante que o relato de Tia Jota ajuda a refletir, mais uma vez, sobre aproximações. Ao tratar do Quicumbi e onde os Botinhas o haviam aprendido, ela diz: "eles aprenderam a dançar em uma festa que foram *no Bacopari*, e de tempos em tempos *o grupo do Bacopari participava de bailes nos Botinhas* e os dois grupos dançavam" (SILVEIRA, 2010, p. 41, grifo meu). Mas não é aí que a história termina; ela vai um pouco mais além e nos dá indicativos de relações de parentesco ressaltados, inclusive, por Daiane Molet em leitura da própria Luciana Silveira:

> Silveira (2010), na dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural, analisa as relações de reciprocidades entre duas comunidades remanescentes quilombolas localizadas em Viamão/RS: Peixoto dos Botinhas e Cantão das Lombas. A autora aponta uma família que possui membros em Cantão das Lombas e no Limoeiro, conforme Seu José Carlos mencionou na entrevista. Segundo Silveira, um de seus entrevistados, *Seu Arno Gomes, conhecido pelo apelido de Cai-Cai, quilombola do Cantão das Lombas, que possui um primo em Peixoto Botinhas, tem uma irmã no Limoeiro, Dona Nilza Gomes. O sobrenome Gomes aparece nos quilombos de Viamão e há parentescos conforme mencionamos*, embora não se identificou a ligação com Chica Brincuda, mas sim de seus descendentes, pois Nilza Gomes citada por Silveira (2010) é neta de Chica Brincuda. (MOLET, 2018, p. 242, grifo meu)

Chegamos a um momento deveras interessante. Ao longo dos últimos parágrafos foi possível observar algumas das possíveis aproximações iniciais entre o Peixoto dos Botinhas e o Litoral Negro. Podemos tentar elaborar o seguinte: mesmo de forma introdutória, fragmentar e em indícios, não parece de todo errôneo pensar na possibilidade de relações, em determinados pontos do passado, entre o Peixoto dos Botinhas e outros quilombos no litoral. Desde indagações sobre a narrativa de fundação, até as possíveis visitas entre os quilombolas, aprendizado do Quicumbi, participações em festas e mesmo relações de parentesco, surge uma complexidade. São vários fios, muitas possibilidades e diversas perguntas. O parentesco com sujeitos próximos a Viamão, por exemplo, é mencionado diretamente por Seu José Carlos Bellos de Lima, em entrevista realizada por Molet com este e sua esposa, Catarina Lima, na comunidade do Limoeiro em 2008:

> José Carlos: Uma coisa curiosa, que o Cléber descobriu é que ali no... Para cá de Viamão, na Lomba, tem uns quilombos ali, não é? E tem família de origem desta Chica Brincuda. Esse Vicente Gomes tinha esta fazenda aqui e tinha um irmão dele que tinha uma fazenda ali entre Santo Antônio, por ali assim. Então eles faziam ali e iam ficando escravo desta fazenda, para outra fazenda do irmão de lá. Então por isso que tem esta descendência desta Chica Brincuda para lá. Então é uma coisa boa da gente descobrir.
> Catarina: Mas um parente do tio Gaspar, irmão da nossa avó, foi morar ali para a Lomba.
> José Carlos: Pois é onde tem...
> Catarina: Foram dois, um chamava Gaspar e outro José, eu acho que a tia Milca é dessa gente.
> Claudia Daiane: E o Gaspar é irmão de quem?
> José Carlos: Irmão da nossa avó.
> Claudia Daiane: Qual avó?
> José Carlos: Maria Carolina
> Claudia Daiane. Ok.
> José Carlos: Juliana... era irmão da Juliana. Irmão não, filho. A Juliana era parteira.

> Claudia Daiane: Parteira! E o Gaspar, irmão da Maria Carolina!
> José Carlos: E da Juliana também. E esses outros dois que dizem que foram morar lá para a Lomba, também eram filhos da Juliana.
> Claudia Daiane: Como se chamavam? Uma era Gaspar...
> José Carlos: José e o outro Vicente.
> Claudia Daiane: José e Vicente (MOLET, 2018, p. 241).

Alguns entrecruzamentos vão aparecendo, dando alguns indícios iniciais ao passo que nos embrenhamos nos relatos. Dada a ida de pessoas do Limoeiro para morar nas Lombas, provavelmente no Cantão ou nas proximidades, e a intimidade da comunidade negra das Lombas com o Peixoto dos Botinhas, parece plausível também se inquietar com a questão específica do parentesco entre estes quilombos. Todo este variado repertório vai compondo uma pintura memorial delicada e complexa no correr do tempo que tentamos explorar nesta empreitada inicial, composta de algumas pinceladas *cor-de-cantoria, cor-de-fé, cor-de-baile e de memória.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, há alguns indicativos e inquietações relacionadas às proximidades entre Peixoto dos Botinhas e Litoral Negro, já desde a narrativa de origem do quilombo. Foi possível observar alguns fios entre o conjunto musical Os Botinhas, as festas nas quais performavam e mesmo a proximidade com o Bacopari no aprendizado do Quicumbi, dança-ritual até hoje lembrada pelos quilombolas no Capão da Porteira. Algumas indicações de potencial parentesco entre sujeitos do Litoral Negro e quilombolas do Cantão das Lombas ou Peixoto dos Botinhas também foram suscitadas no bojo da investigação introdutória que empreendemos.

Pensamos o presente de trabalho enquanto um possível *ponto de salto* para pesquisas novas, principalmente no escopo de uma História Cultural, de uma Etno-história e de uma abordagem que privilegie a História Oral, por exemplo; pesquisas dedicadas ao aprofundamento de análise de relações entre a Comunidade Quilombola Peixoto dos Botinhas e as comunidades já delimitadas por Molet ao tratar do Litoral Negro. Assim, seria possível delimitar novas empreitadas que sigam fio específicos de toda esta potencial teia, de maneira a construir compreensão sobre o Peixoto dos Botinhas e mesmo sobre o Litoral Negro e suas ramificações potenciais para além da circunscrição espacial inicialmente trabalhada por Molet.

Neste sentido, não propomos uma afirmação de que o Peixoto dos Botinhas ou mesmo Cantão das Lombas façam parte do Litoral Negro no Rio Grande do Sul em sentido restrito. Por outro lado, também não ignoramos os indicativos até aqui evidenciados de possível proximidade. A única consideração que talvez seja possível de se fazer ao final deste texto é a de pensar o Peixoto dos Botinhas como, senão parte de tal rede – deste Litoral Negro *stricto senso* –, ao menos potencial parte agregadora de todo este mosaico. Mesmo assim, reiteramos: mantém-se necessário um esforço de pesquisa de campo para seguir os fios desta linha corredeira de relações, na construção de um corpus de fontes cada vez mais abrangente. E isto reafirma um dos principais intuitos do presente

artigo: suscitar investigações e levantar perguntas no que concerne à temática, a uma História Quilombola sul-rio-grandense em suas diversas faces, partindo de um repertório dos próprios agentes construtores da mesma.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mauricélia Teixeira de. A alegria das festividades nos quilombos de Garopaba-SC. In: **Anais do XV Encontro Estadual de História "1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado",** 11 a 14 de agosto de 2014, UFSC, Florianópolis, 2014, p. 1-15.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2016.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira Ciência e Esporte,** Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

DE CARLI, Ana Paula; TERME, Carolina Michelon; BASSI, Joana Braun; LUZ, Lidiane Fernandes da; RAMOS, Mariana Oliveira; KUBO, Rumi R.; COELHO DE SOUZA, Gabriela P. Perspectivas no registro de saberes e práticas relacionados à agricultura, alimentação e artesanato em comunidade rural no Litoral Norte do RS. In: **II Colóquio Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural,** 2008, Porto Alegre. Oficina 1 - Formas de Inovação e novos formatos tecnológicos no espaço rural, 2008. p. 1-28.

FURTADO, Matheus. **"Abayomi, música e Quicumbi":** uma história da Comunidade Quilombola Peixoto Dos Botinhas. Graduação em Ciências Humanas – Licenciatura (Monografia). Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/49096927/Monografia_Matheus_Furtado. Acesso em: 18 jul. 2023.

FURTADO, Matheus Pinto. **"O que se fala, se sente":** a oralidade na Comunidade Quilombola Peixoto dos Botinhas, Viamão, RS. 2022. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2022.

LIMA, Hezrom Vieira Costa. Negro & Quilombola: a identidade étnica em questão na comunidade remanescente de quilombos de Caiana dos Crioulos-PB. **Cadernos de História,** v. 17, n. 27, 2016.

MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Parentescos, solidariedades e práticas culturais:** estratégias de manutenção de um campesinato negro no Litoral Negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2018.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

SILVEIRA, Luciana Conceição Lemos da. **Relações de reciprocidade quilombola:** Peixoto dos Botinhas e Cantão das Lombas – município de Viamão (RS). Dissertação (Mestrado em desenvolvimento rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2010.